

EXPECTADORES OU ESPECTADORES? – A (NÃO) INFLUÊNCIA DA PALAVRA DE DEUS EM NÓS



"[21] Portanto, removam toda impureza e maldade e aceitem humildemente a palavra [o Evangelho] que lhes foi implantada no coração, pois ela tem poder para salvá-los. [22] Não se limitem, porém, a ouvir a palavra; ponham-na em prática. Do contrário, só enganarão a si mesmos. [23] Pois, se ouvirem a palavra e não a praticarem, serão como alguém que olha no espelho, [24] vê a si mesmo [‘seu rosto natural’, ‘sua aparência natural’], mas, assim que se afasta, esquece como era sua aparência. [25] Se, contudo, observarem atentamente a lei perfeita que os liberta, perseverarem nela e a puserem em prática sem esquecer o que

ouvirem, serão felizes no que fizerem." (Tiago 1.21-25 – Nova Versão Transformadora)

1. INTRODUÇÃO

Em nossa língua portuguesa, como parte do vernáculo tupiniquim, existem algumas palavras que só são identificadas de acordo com o contexto em que estão inseridas, pois às vezes possuem escritas iguais, outras vezes sons iguais e até mesmo escritas e sons iguais. No título acima, temos duas palavras *homófonas*¹, isto é, *palavras que possuem a mesma fonética embora signifiquem e sejam escritas de maneiras diferentes. São duas palavras pronunciadas com sons idênticos, mas que em sua grafia apresentam letras que as distinguem quanto à forma de escrever e o seu significado.* Vejamos:

- Na palavra **expectativa**, com ‘x’, temos a condição de quem espera algum acontecimento. Implica no desejo intenso por algo que seja possível de acontecer; pode ser descrito como certa ansiedade por receber uma notícia ou presenciar um acontecimento que seja bom ou vantajoso. O sentimento de expectativa é alimentado pela esperança e só existe na ausência da realidade – quando o objeto que motiva a expectativa ainda não se materializou e está presente apenas no desejo de posse da pessoa. Contudo, a esperança que alimenta a expectativa precisa se fundamentar em algo real, caso contrário, a chamada “expectativa” não passará de ilusão ou utopia.
- Na palavra **espectativa**², com ‘s’, por sua vez, o que vemos é a condição de quem apenas presencia, observa ou assiste uma cena. É a visão sem participação, sem envolvimento com o ocorrido. O espectador permanece continuamente como observador, ouvinte, testemunha. A

¹ **Homófono.** Do grego, ομόφωνο (*homóphono*), significa "pronúncia igual, grafia diferente". O vocábulo é composto pela junção dos termos ομός (*homós* = "mesmo") e φωνο (*phōno* = "som").

² Embora o vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras reconheça a palavra *espectativa*, com 's', como cognata de *espectar*, *espectador* e *espectável*, esta palavra não se encontra dicionarizada.

espectativa implica em ato passivo, sem interação com aquilo que é visto, observado. Trata-se de uma posição meramente contemplativa, oposta ao protagonismo.

Em alguns textos do Novo Testamento em grego, para a palavra “expectativa”, é utilizado o vocábulo ἀποκαρδοκία (*apokaradokía* = “vigilância com a cabeça estendida”). Significa “desejo ansioso de algo que vem de certo lugar” (cf. Romanos 8.19; Filipenses 1.20). O termo segure “abstração³ e absorção⁴”, ou seja, abstração de qualquer coisa que possa prender a atenção, e absorção no objeto esperado até que a realização ocorra.⁵

Na passagem bíblica acima, temos uma parte integrante da carta escrita por Tiago, irmão mais novo de Jesus e líder da igreja em Jerusalém. A carta, escrita provavelmente no final dos anos 40 d.C., tem por objetivo exortar os cristãos da época a vivenciarem o cristianismo em virtude do aumento da perseguição local.⁶ Tiago tem visível interesse no impacto da fé na vida diária do cristão que, por vezes, tem a tendência de ver o cristianismo apenas como questão de acreditar nas coisas de Deus, mas sem se comprometer com elas. No entendimento do autor da Epístola, esse tipo de fé puramente contemplativa é inútil, pois só é genuinamente cristã a fé capaz de promover transformações no interior da pessoa. De modo que a didática de Tiago é bem próxima dos ensinamentos do Senhor Jesus quando Ele declarou: “*Nem todos que me chamam: ‘Senhor! Senhor!’* [vida cristã discursiva] *entrarão no reino dos céus, mas apenas aqueles que, de fato, fazem a vontade de meu Pai* [vida cristã prática], *que está no céu*” (Mateus 7.21 – NVT).

Mesmo com algumas exceções, o conceito de fé no meio evangélico em nossos dias é bem semelhante ao dos cristãos de Jerusalém na época de Tiago. Atualmente, muitos dos chamados “cristãos evangélicos”, vivem como plateia no que se refere à prática contínua do Evangelho. Na maioria deles não há qualquer sinal de que houve transformação – promovida pela Palavra de Deus – em suas vidas. São parasitas existenciais que se alimentam da inércia e da morbidez religiosa e, por isso, são incapazes de nutrir qualquer desejo por algo concernente ao Reino de Deus ou ao mundo vindouro. Tal fato nos leva às seguintes indagações: **Afinal, como cidadãos do céu (cf. Filipenses 3.20), nós somos expectadores ou espectadores? Onde está a influência da Palavra de Deus em nós e, principalmente, através de nós?** Somos cooperadores de Deus (cf. 1Coríntios 3.9), ou meros

³ **Abstração** (psicologia). Situação temporária na qual o indivíduo retira sua atenção de tudo que o cerca e volta-se para seus próprios pensamentos.

⁴ **Absorção** (psicologia). Processo no qual o indivíduo volta sua atenção inteiramente para um objeto, e ignora tudo o mais.

⁵ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 635 p.

⁶ A **Epístola de Tiago** é um dos livros mais práticos e interessantes do Novo Testamento. Isso se deve ao fato de que as preocupações de Tiago eram claramente mais pastorais que polêmicas, pessoais e não teológicas.

observadores das coisas de Deus? Quais marcas de Cristo já foram impressas, na sociedade atual, por meio do nosso comportamento e da nossa visão e compreensão do Evangelho de Cristo? O objetivo da presente reflexão é lançar luzes sobre essas e outras questões.

2. A ESPECTATIVA COMO RESULTADO DE UM EVANGELHO “SEM CRUZ”

No texto bíblico citado inicialmente, o autor bíblico compara aqueles que ouvem a Palavra de Deus e não praticam, como alguém que se **olha** no espelho e depois de algum tempo se afasta e vai embora. Para o verbo traduzido como “*olhar, contemplar*” (v. 23) é utilizado o vocábulo grego *κατανοέω* (*katanoēō*), que denota “*ação da mente em apreender certos fatos sobre uma coisa*”⁷. Esta pequena analogia descreve uma pessoa que encontra um espelho⁸ e passa a olhar intensamente para si mesma, prestando atenção em cada detalhe de sua fisionomia.

Embora existam pessoas que sentem prazer em ficar diante do espelho e venerar a subjetiva elegância, a maioria de nós olha para o espelho com intuito comportamental, isto é, para decidir como pentear o cabelo, para definir quais ajustes são necessários fazer na pele ou simplesmente para checar se há algum tipo de sujeira no rosto para ser removida. Em outras palavras, nós agimos com base no que vemos. Por essa razão, quando olhamos atentamente para o espelho, e depois nos afastamos, simplesmente nos esquecemos da sujeira em nosso rosto, das imperfeições na pele, ou daquela mecha de cabelo que insiste em se rebelar. Quando isso acontece, o espelho se mostra totalmente irrelevante e o nosso tempo diante dele completamente inútil e sem significado⁹.

Do mesmo modo, olhar para a Palavra de Deus e não agir de acordo com o que vemos nela é sinal de que o conteúdo das Escrituras não tem significado para nós. Ignoramos o fato de que o importante não é o quanto conhecemos sobre a Bíblia, mas, sim, o quanto praticamos daquilo que se é conhecido. Como escreveu o pastor e teólogo britânico John Robert Walmsley Stott (1921-2011), “*a mente bíblica não é aquela que cita versículos, mas aquela capaz de raciocinar dentro dos parâmetros das Escrituras*”. Portanto, conhecimento e prática da Palavra de Deus caminham **sempre** de mãos dadas. De maneira que o nosso envolvimento com a Palavra de Deus não visa a mera aquisição de informações, mas o nosso entrelaçamento com a verdade do Evangelho de Cristo que produz vida e libertação (cf. João 8.32).

Infelizmente, vivemos em uma época a secularização da fé alcançou proporções gigantescas. Em muitas comunidades ditas “evangélicas”, se prega um cristianismo “sem cruz”, isto é, sem que as

⁷ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 502 p.

⁸ Na época de Tiago, o espelho era uma lâmina de metal altamente polido usada para refletir uma imagem.

⁹ RICHARDS, Lawrence O.. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 544 p.

palavras condicionais do Senhor Jesus [“*Se alguém quer ser meu seguidor, negue a si mesmo, tome diariamente sua cruz e siga-me*” (Lucas 9.23 – NVT)] tenham sentido prático em nossa vida, ou seja, sem que gere em nós **expectativa** em fazer as coisas acontecerem e sem que nos tire da letárgica **expectativa** que nos mantém aprisionados em nossa zona de conforto e totalmente inertes às dificuldades e aos desafios presentes em nosso entorno. Não admitimos, mas, em muitos momentos, preferimos uma vida cristã que seja tão somente discursiva, sem compromisso prático.

Não é difícil encontrarmos templos religiosos que, em vez de serem locais de “culto” – prestação de serviço a Deus com a genuína entrega do coração em total devoção ao Criador – atuam como verdadeiras casas de espetáculos, onde os componentes dos ajuntamentos que deveriam ser solenes, não passam de **espectadores** diante de *shows* ou sessões de cinema. Querem diversão, entretenimento, algo que faça seus olhos brilharem intensamente – ainda que por curta duração de tempo.

Terminados os *shows*, os espetáculos – que alguns ainda insistem em os chamar de “culto” – os **espectadores** retornam às suas mesmices do dia a dia. Não há o renovar de forças para o enfrentamento dos dias difíceis que virão e nem o mesmo consolo para curar as feridas causadas pelos dias ruins que se passaram. Por fim, não há qualquer **expectativa** por mudança de vida promovida pela transformação da realidade interior. São pessoas que constroem dia após dia, ainda que inconscientemente, suas casas sobre a areia e sem alicerces – “*Mas quem ouve [as palavras de Jesus] e não obedece é como a pessoa que constrói uma casa sobre a areia, sem alicerces. Quando a água bater nessa casa, ela cairá, deixando uma pilha de ruínas*” (Lucas 6.49 – NVT).

Por mais dificuldade que tenhamos em admitir, fazemos parte de uma geração onde as pessoas se acostumaram em viver uma vida meramente contemplativa. São “admiradores de espelhos”, **espectadores** narcisistas que cultuam a própria imagem. Sobre gente assim, o apóstolo Paulo fez o seguinte alerta: “*Saiba que nos últimos dias haverá tempos muito difíceis. Porque as pessoas só amarão a si mesmas e ao dinheiro. Serão arrogantes e orgulhosas, zombarão de Deus, desobedecerão a seus pais e serão ingratas e profanas. Não terão afeição nem perdoarão; caluniarão outros e não terão autocontrole. Serão cruéis e odiarão o que é bom, trairão os amigos, serão imprudentes e cheias de si e amarão os prazeres em vez de amar a Deus. Serão religiosas apenas na aparência, mas rejeitarão o poder capaz de lhes dar a verdadeira devoção*” (2Timóteo 3.1-5 – NVT).

3. A EXPECTATIVA COMO PRODUTO DO VERDADEIRO EVANGELHO

“*Se, contudo, observarem atentamente a lei perfeita que os liberta, perseverarem nela e a puserem em prática sem esquecer o que ouvirem, serão felizes no que fizerem.*” (Tiago 1.25 – NVT)

Com base no contexto da Epístola de Tiago, a expectativa, como produto do verdadeiro Evangelho, tem origem na observância correta da Palavra de Deus mediante a prática. O verbo “observar”, do grego παρακύψας (*parakýpsas*), implica no “ato de se curvar para frente para ver algo com precisão”¹⁰. É olhar para dentro de si objetivando a transformação daquilo que somos, para aquilo que devemos ser através da prática diária dos princípios contidos na Palavra de Deus. Não é tarefa fácil visto que temos a tendência de esquecer o que ouvimos e nos tornarmos ouvintes desmemoriados. Quando isso acontece, deixamos de ser **expectadores** e passamos a agir apenas como **espectadores**, pessoas conformadas com a realidade do seu entorno, sem o sublime desejo de florescer onde estiver plantado.

Porém, se mantivermos o coração de um verdadeiro praticante da obra de Deus, seremos **expectadores** do Reino de Deus, ardentemente desejosos pela materialização da vontade de Deus, aqui na terra como é feita no céu (cf. Mateus 6.10).

Dores presentes e incertezas quanto ao futuro criam a necessidade constante de esperança. A pobreza mundial, a fome, a doença e o potencial humano de gerar terror e destruição criam um anseio por algo melhor. O futuro é a base para a mudança do presente e, como defende o teólogo alemão Jürgen Moltmann, “o serviço cristão deve ser uma tentativa de transformar esperanças do outro mundo em uma realidade presente”. A **expectativa** bíblica é a esperança ardente no que Deus fará no futuro. No cerne da esperança cristã está a ressurreição do Senhor Jesus. A **expectativa** cristã oferece segurança para o futuro e envolvimento amoroso no compartilhar, para o presente.¹¹

4. CONCLUSÃO

No Reino de Deus não há espaço para **espectadores**. Não fomos chamados por Deus para viver apenas de forma contemplativa, apática. Somos agentes do Caminho (cf. Atos 9.2), da movimentação constante (cf. Filipenses 3.13-14), tendo o Senhor Jesus como nosso maior exemplo: “*Meu Pai sempre trabalha, e eu também*” (João 5.17 – NVT). Nosso comissionamento cristão está fundamentado no “*Vão ao mundo inteiro e anunciem as boas-novas a todos*” (Marcos 16.15 – NVT), e não no “*Vejam o mundo inteiro e contemplem as boas-novas...*”. Devemos agir como servos responsáveis, na **expectativa** do retorno do nosso Senhor (cf. Mateus 25.14-46).

Soli Deo Gloria.

¹⁰ HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego: Mateus - Apocalipse*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Targumim & Hagnos, 2009. 1259 p.

¹¹ COMFORT, Philip W. & ELWELL, Walter A.. *Dicionário bíblico Tyndale*. Trad. Jorge Camargo, José Fernando Cristófal, Marília Peçanha, Lena e Regina Aranha e Hilton Figueiredo. Santo André: Geográfica, 2015. 600 p.